

### 3.67 A simbologia das vestes na série *Registros de sangue*, de Karin Lambrecht

Viviane Gil Araújo\*

**Abstract.** *The present article discuss the painting field, analyzes the concept of anachronism and the symbolism of the clothes as necessary to the comprehension of the body elaborate in the 'Registros de Sangue' (blood recordings) series, from the artist Karin Lambrecht.*

**Key words:** *Karin Lambrecht, painting, contemporary art, anachronism, symbology, clothes, body.*

**Resumo.** *O presente artigo aborda aspectos do campo da pintura, analisa o conceito de anacronismo e a simbologia das vestes como necessários à compreensão do corpo elaborado na série 'Registros de sangue,' da artista Karin Lambrecht.*

**Palavras-chave:** *Karin Lambrecht, pintura, arte contemporânea, anacronismo, simbologia, vestes, corpo.*

O desenvolvimento desse artigo parte do estranhamento gerado frente às obras da série *Registros de Sangue*, da artista brasileira Karin Lambrecht (Porto Alegre, 1957) e da busca pela compreensão do papel que as vestimentas desempenham em tais trabalhos. Porém, novas problemáticas se impuseram apontando para a necessidade de uma análise mais aprofundada dos procedimentos da artista, já que sua obra é uma expressão da pintura contemporânea, a qual agrega outras práticas inscritas no universo das artes visuais e, desta forma, poderá suscitar vários desdobramentos.

As vestes do conjunto de trabalhos realizados por Lambrecht nos últimos dez anos (de 1997 a 2007), e que comportam os *trabalhos de sangue*, logo que analisadas, apontaram para o corpo humano que estava ausente nas obras, mas que se fazia presente através das vestimentas.

Entretanto, uma problemática estabeleceu-se quando durante a análise das vestes com sangue percebeu-se que elas apresentavam características tipicamente anacrônicas, visto que historicamente não

sofreram muitas alterações e, portanto, não seria possível datá-las, pois pertenciam tanto a um passado remoto quanto ao presente, embora não façam mais parte do uso comum.

Expondo uma espécie de permanência temporal o anacronismo das vestes as oferecia à análise tanto no passado como no presente. Tal percepção determinou que alguns conceitos fossem relativizados e que o anacronismo fosse percebido segundo Georges Didi-Huberman, como um modelo de temporalidade, onde “o Outrora, encontra-se interpretado e ‘lido,’ ou seja, posto à luz pelo advento de um Agora resolutamente novo” (Didi-Huberman, 2003, p.40), revelando a complexidade própria da imagem.

Compreendidas como anacrônicas, as vestes geraram uma primeira hipótese, na qual através delas transpareceriam processos sociais que constituem e transformam o corpo. Nesta lógica, seria possível, por meio de um entrecruzamento da História da Arte e da História da Indumentária no Ocidente, analisar o corpo representado nas obras através das vestes e compreender sua construção cultural.

As vestes projetadas por Lambrecht para os *trabalhos de sangue* informam tanto sobre as batinas eclesiais, aventais hospitalares como sobre as antigas camisolas de dormir não apresentando características de gênero, tornando possível observá-las através de diferentes culturas e épocas.



**Figura 1.** Karin Lambrecht. *Sem Título*, 2001 (detalhe). Instalação com vestidos brancos, sangue de carneiro, impressões de vísceras de carneiro sobre papel e fotografia. Fotografia Fábio Del Re. Reprodução a partir do catálogo *Iconografias Metropolitanas/ 25ª Bienal de São Paulo*. Fundação Bienal de São Paulo: de 23 de março a junho de 2002.

\* Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Artista têxtil e professora dos cursos de graduação em Design de Moda Colégio IPA do Centro Universitário Metodista e do Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter). Mestre em História, Teoria e Crítica de Arte pela UFRGS.

Quatro obras foram consideradas exemplares para a realização desta análise: *Sem título*, 2001(Figura 1), *Con el alma en un hilo*, 2003(Figura 2), *Caixa do primeiro socorro*, 2005(Figura 3) e *Meu Corpo-Inês*, 2005(Figura 4).



**Figura 2.** Karin Lambrecht.. *Com el Alma en un Hilo*, 2003 (detalhe). Desenho e fotografia, sangue derradeiro de carneiro sobre papel, 57, 5 cm x 71,5 cm. Fotografia de Sérgio Guerini, 2005. Imagem cedida pelo mesmo.

Observa-se que a veste de linho cinza claro da obra *Con el alma en un hilo* (Figura 2) é similar àquela de linho cinza escuro do trabalho *Caixa do primeiro socorro*(Figura 3). Assim como, as vestes brancas confeccionadas para a obra do Mosteiro de Alcobaça (Figura 4) são mais semelhantes aos vestidos da obra *Sem título*, (Figura 1), participante da 25ª Bienal de São Paulo. Por este motivo, dividiremos as obras em dois diferentes grupos: o primeiro das vestes cinza claro e cinza escuro e o segundo das vestes brancas.



**Figura 3.** Karin Lambrecht. *Caixa do primeiro socorro*, 2005 (detalhe). Sangue derradeiro de carneiro (Region Metropolitana/Chile) e uma ovelha (Brasil/Rio Grande do Sul), sobre material têxtil e impressões do desmembramento do animal sobre papel, 1000 X 200 cm. V Bienal do Mercosul. Fotografia Fábio Del Re. Imagem cedida pelo Núcleo de Documentação e Pesquisa da Fundação Bienal do Mercosul.

Considerando suas simbologias as cores cinza claro e cinza escuro, escolhidas pela artista, poderão estar relacionadas à sua formação religiosa de origem protestante.

*Embora a iconoclastia da Reforma Protestante seja mais conhecida do que a sua 'cromoclastia,' no entanto, a guerra às cores – ou pelo menos, a certas cores – constituiu sempre uma dimensão importante da nova moral cristã instituída por Lutero, Calvino e seus epígonos. Nascido no início do século XVI, no momento em que triunfam o livro impresso e a imagem gravada – isto é, uma cultura e um imaginário a preto e branco, o Protestantismo apresenta-se, simultaneamente, como herdeiro das morais da cor da Idade Média e perfeitamente filho do seu tempo: recomenda e põe em prática, em muitos domínios da vida econômica e social (no culto, no vestuário, no meio onde se vive, na arte, nos 'negócios,' sistemas de cor inteiramente construídos à volta de um eixo preto-cinza-branco (Pastoureaux, 1997, p.143).*

A escolha dos tecidos e das modelagens também informa sobre a simbologia das vestes, a começar pelo linho, que em tempos remotos, por ser de origem vegetal “quando as fibras de origem animal eram consideradas impuras” (Laver, 1990, p.18), era de uso exclusivo dos sacerdotes do antigo Egito. E ainda hoje, quando é admitido no uso comum, é o pano mais freqüentemente empregado para confecção de paramentos religiosos, assim como para toalhas de mesa, guardanapos, lenços, lençóis e camisolas, ou seja, roupas litúrgicas, de enxoval ou da casa.

No segundo grupo teremos as vestes brancas das obras *Sem título*, 2001(Figura 1) e *Meu Corpo-Inês*, 2005(Figura 4) ainda que a instabilidade das convenções cromáticas deva ser observada com atenção reconhecendo que a artista não conduz aleatoriamente suas escolhas, será verificado como Pastoureau apresenta esta cor:

[...] *na cultura ocidental o branco é invocado como: 1) Cor da pureza, da castidade, da virgindade e da inocência: - vestes eclesiásticas brancas, cor litúrgica. Vestes de batismo, vestido de casamento (branco somente a partir do século XIX). Em Roma traje branco dos 'candidatus' (candidus). Brancura do cordeiro, das virgens, das vestais. 2) Cor da higiene, da limpeza, do frio, do que é estéril. Os sabões e as lixívia são brancos. Lençóis, roupa interior, tecidos que tocam o corpo, foram, durante séculos, de cor branca. 3) Cor da simplicidade, da discrição, da paz e da renúncia. Modéstia da aparência: de branco. 4) Cor da sabedoria e da velhice: Cabelos brancos, pessoas idosas(o branco consegue ser ao mesmo tempo cor da infância e da velhice).* (Pastoureau, 1997, p.42 e 43).

Observa-se que esta cor é preferencialmente usada para vestimentas de rituais de iniciação vinculados ao catolicismo, como o batismo e o casamento. Desta maneira é possível supor que as roupas brancas, na obra de Lambrecht, anunciam ‘algo que ainda está por vir,’ como os rituais de passagem femininos da infância à idade adulta e, as vestes manchadas de sangue comportam um ‘já acontecido,’ como uma participação efetiva nos ciclos femininos de fertilidade, nascimento e morte.

As cores dos tecidos eleitos pela artista, além de apresentarem uma simbologia cromática, podem completar uma questão pictórica, pois estão mais diretamente ligadas aos materiais que Lambrecht normalmente transforma em pigmento, como as cinzas e o carvão, o

que acaba por estabelecer uma relação matéria entre suporte e pigmentos. O sangue, quando sobre as vestes, além de investigar a mancha e dar continuidade ao uso de pigmentos vermelhos e naturais (muito presentes na obras da artista) traz as memórias de um corpo, de maneira a ligar forma, material e simbologia ao orgânico da pintura.



**Figura 4.** Karin Lambrecht . *Meu Corpo-Inês*, Portugal, 2005. Sangue derradeiro de carneiro abatido para o consumo da carne ovina sobre vestimentas com figuras femininas. Conjunto de material têxtil, fotografia e impressão sobre papéis, do sangue e resíduos das partes desmembradas do animal. Exposição Lágrimas, Portugal. Fotografia de Karin Lambrecht. Imagem cedida pela artista.

Importante observar que as vestes brancas nas obras de Lambrecht também se assemelham por suas formas às antigas camisolas de dormir:

[...] *a camisola do século XIX assinala uma época em que a vergonha e o embaraço no tocante à exposição do corpo eram tão intensas e internalizadas que as formas corporais tinham que ser inteiramente cobertas, mesmo que o indivíduo estivesse sozinho ou no círculo social mais íntimo.* (Elias, 1990 p.166, 167).

Na execução das vestes brancas das obras de Lambrecht, além da memória da camisola informe (muito usada pelas mulheres da região da campanha na hora do parto) há também referências aos aventais hospitalares e, para que compreendamos a finalidade desses é necessário recuar no tempo e perceber como a dor é compreendida na história do homem.

Na cultura ocidental, e assim consta desde os primeiros registros do Cristianismo, a dor e seus tormentos eram algo vindo de um Deus justo, portanto merecidos por aquele que deles padecesse. Já nas sociedades europeias cristãs, da Idade Média, tentar controlar a dor através de ervas poderia ser interpretado como magia ou bruxaria pela Santa Inquisição. De acordo com Maia e Fernandes (2002):

*A doença, a dor e o sofrimento eram vistos como castigos divinos para a purificação da alma. E no que diz respeito ao parto, a Igreja, que julgava a mulher como um ser impuro e amaldiçoado desde Eva, ostentava a citação Bíblica: 'Darás a luz com dores aos teus filhos.' (Gênesis 3,16). As mulheres eram severamente punidas se usassem de qualquer ritual não religioso para alívio da sua dor durante o parto. Essa postura foi seguida, com menor rigor, no mundo ocidental, até o final do século XIX.*

Ao fazer uso de vestimentas para atuarem como parte de suas obras, Lambrecht busca substituir o corpo, mas para contar sua história lhe atribui diferentes simbologias compreendendo-o como lugar de onde o sujeito fala e expressa suas fronteiras, seus continentes que, do passado ao presente, refletem sobre sua efemeridade e seu estar no mundo.

Revelado o corpo através das vestes e de diferenciados procedimentos, os trabalhos de Karin Lambrecht também aparecem como indagações que dizem respeito aos novos espaços da pintura a serem percorridos pela continuidade da pesquisa.

#### Referências:

Didi-Huberman (2003) *O anacronismo fabrica a história: sobre a inatualidade de Carl Einstein*. In: Zielinsky, Mônica (Org. e Introd.) et al. *Fronteiras: Arte, Crítica e Outros Ensaios*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. ISBN: 85-7025-691-4.

Elias, Norbet (1990) *O processo Civilizador: Uma história dos Costumes*. Vol I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. ISBN: 85-7110-106-X.

Maia, Ricardo Jackson de Freitas; Fernandes, Cláudia Regina. *O alvorecer da anestesia inalatória: Uma perspectiva histórica*. Revista Brasileira de Anestesiologia. vol.52 no.6 Campinas Nov./Dec. 2002  
[Consult.2008/02/16] Artigo. *Print version* ISSN 0034-7094. Disponível em <URL: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003470942002000600015&script=sci\\_arttext&tlng](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003470942002000600015&script=sci_arttext&tlng).